

GEOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO: A COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIFRUTIS NA FEIRA DO BAGAÇO NO MUNICÍPIO DE PARINTINS/AM.

Trindade dos Santos Guimarães¹
Alem Silvia Santos Marinho²

RESUMO:

Este artigo busca compreender a comercialização de hortifrúteis na Feira do Bagaço na cidade de Parintins/AM por entender que este lugar é dos mais antigos nesta atividade rotineira. Procura também refletir sobre o preço desses alimentos que, muitas vezes, sofre variação por conta da localização geográfica contextual e por questões culturais. O apoio científico para a fundamentação deste trabalho foi encaminhado por diversos autores como: COUTINHO *et al* (2006), PEREIRA e NASCIMENTO (2012), CASTRO (1984), SANTOS (2012) e outros de igual renome que estudam sobre a Geografia da alimentação e a distribuição de hortifrúteis em feiras, cujo modelo econômico consolida a relação campo/cidade. Nessa investigação, de caráter exploratório, o método privilegiado fundamentou-se numa abordagem quali-quantitativa, pois há presença do positivismo nos resultados e da observação e comparação na discussão destes. Os procedimentos envolveram pesquisa bibliográfica, trabalho de campo, sistematização/contextualização, entrevistas com feirantes e, posterior análise e tabulação dos dados. O reconhecimento da realidade em questão teve como meta principal a compreensão da geografia dos alimentos num espaço que é palco de luta pela sobrevivência e presta-se em relevante papel social de comercialização de alimentos na zona urbana. Enfim, procurou-se também enfatizar na pesquisa a interface de sentidos e outros olhares necessários para temas nessa mesma linha de pesquisa.

Palavras-Chave: Espaço; Alimento; Produção Agrícola; Abastecimento.

INTRODUÇÃO

A realidade pesquisada permitiu a aquisição de uma visão mais detalhada sobre a Geografia da alimentação para a formação acadêmica, como um todo. Visto que, o referido contexto deve ser elevado a principal agente para compreensão da procedência dos produtos hortifrúteis comercializados nesta área, a considerar a alimentação, como uma das necessidades principais do homem, que proporcionou sua evolução.

¹ Graduanda em Geografia no Centro de Estudos Superiores de Parintins, CESP-UEA.
E-mail: trindade_guimaraes@hotmail.com

² Professora Doutora no Centro de Estudos Superiores de Parintins, CESP-UEA.
E-mail: alemsilvia@gmail.com

Neste caso, com o intuito de compreender a procedência e comercialização dos alimentos hortifrutis encontrados na feira do Bagaço, surgiu o seguinte questionamento: De onde vem estes produtos hortifrutis comercializados na feira do Bagaço e quais fatores influenciam para a oscilação dos preços desses alimentos?

Diante da relevância dos questionamentos, pretendeu-se explorar por meio da investigação científica as práticas dos sujeitos ligados diretamente ao tema – os feirantes - a procedência dos alimentos hortifrutis e os fatores relacionados à oscilação dos preços em determinadas épocas do ano. Assim, a observação constituiu a base do trabalho ora apresentado e foram realizadas durante 4 (quatro) meses, sendo uma visita no final de cada mês, este trabalho de campo na feira do bagaço na cidade de Parintins.

Em razão disso, após a problematização, realizaram-se as ações da proposta de trabalho e, ora se discute os resultados que envolveram a Geografia da alimentação dentro dessa especificidade. Considerando que o impacto do abastecimento de alimentos está inserido na lógica da produção agrícola como um todo, e, essa lógica é uma necessidade que abrange todo o país, como elemento de grande proporção e importância também para a economia local.

GEOGRAFIA DA ALIMENTAÇÃO: DEFINIÇÃO

A Geografia da alimentação é todo o percurso do alimento até chegar ao seu destino. Constitui-se então no circuito espacial da produção, transporte, armazenamento até a comercialização. E ao manuseá-lo devemos pensa-lo envolvendo todo esse percurso, pois:

[...] produzir qualquer alimento, faz-se necessário pensar todo circuito espacial de produção [...] a análise geográfica se preocupa com um espaço que é fruto da ação do homem sobre a natureza, isso resulta em tipos diferentes de ocupações que denominamos de formação sócio espacial. (NEPALS, 2010: 2).

Ou seja, “a alimentação é uma necessidade básica, [...] e, simultaneamente, uma atividade cultural, [...]. Comer não representa apenas o fato de incorporar elementos nutritivos importantes para o nosso organismo, é antes de tudo um ato social.” (COSTA e SCHOR, 2013: 54).

Considerando a Geografia da alimentação como parte dos elementos que compõem as necessidades dos homens, não se pode deixar de considerar os hortifrutis como parte

específica dessa relação. Para tanto, o dicionário Caudas Aulete utiliza a palavra hortifrúti, entre as diversas acepções e registra em primeiro lugar a frase: *variados elementos vegetais*, pois o termo é abrangente e o seu uso está diretamente ligado a *hortaliças, frutas, verduras, legumes*. Além disso, essa palavra significa: *redução de hortifrutigranjeiro* que é justamente *cada um dos produtos provenientes da horticultura, da fruticultura ou das granjas, isto é, frutas, hortaliças e legumes. = hortifrutigranjeiro*. (AULETE, 1980)

A alimentação também é um objeto de estudo e tem uma relação com a sociedade e com a produtividade. E, devido ser uma das primeiras necessidades básicas do ser humano, ela representa um salto evolutivo, a partir do momento em que o homem deixou de depender apenas da natureza e, foi produzi-lo. “O alimento em seu processo de transformação, movimentou o mundo e a sociedade. Vivemos para produzir, para comprar. A relação entre a sociedade e a natureza é mediada pela técnica e baseada na demanda por usos alimentares.” (NEPALS, 2010).

Por meio da Geografia da Alimentação é possível conhecer a história de um povo, pois, “de certa forma, os alimentos representam a ligação mais essencial entre natureza e cultura, fazendo parte da raiz que liga um povo, uma comunidade ou um grupo à sua terra e à “alma” de sua história.” (FISCHLER *apud* COSTA e SCHOR, 2013: 54).

Então, a geografia da alimentação constitui-se um tema de pesquisa bastante relevante e de grande significado para a sociedade como um todo. Pois historicamente essa temática se preocupa com um espaço que é fruto da ação do homem. Ou seja, cada sociedade tem seu espaço e uma forma diferenciada de construir e reconstruir esse espaço.

A FEIRA: LOCAL DE COMERCIALIZAÇÃO DE ALIMENTOS VARIADOS E HORTIFRÚTIS

A feira é uma questão socioeconômica relevante e atende a diferentes grupos sociais. Nesta questão, também está intrínseca a interação entre vendedores e produtor. Ribeiro (2005) argumenta que tal fato demonstra a importância da feira em contribuir e consolidar a relação campo-cidade, uma vez que coloca a produção rural para ser consumida no meio urbano.

As Feiras são alternativas importantes para a população que compra e vende e necessita de produtos hortifrutis, como: frutas específicas, legumes, hortaliças etc. “A variedade de produtos concentrada num mesmo lugar e os preços reduzidos são dois grandes

atrativos da feira” (COUTINHO et al, 2006:4). Essa variação pode ser também percebida entre um feirante e outro.

O referido autor ressalta também a grande variedade de produtos e a diversidade nos preços se destacam entre os fatores que viabilizam as feiras livres como relevante canal de comercialização. É isso que por vezes os consumidores destes produtos procuram, pois, um produto com o preço mais baixo atrai mais compradores.

A feira contribui para o sustento e desenvolvimento pessoal destes, pois ela “[...] é a única fonte de renda ou importante complementação salarial.” (COUTINHO, 2006: 4), para essas pessoas que sobrevivem dessa atividade. Este meio de comercialização permite o desenvolvimento de tais pessoas e, além disso, contribui com a circulação do dinheiro na cidade, pois os feirantes compram nos supermercados os seus “ranchos” ou cesta básica para o seu consumo. “[...] é notória a participação histórica e a relevância das feiras livres no processo de fomento e crescimento de muitas cidades no Estado [...]” (SILVA JR. E PROST, 2013: 294).

As feiras geralmente sobrevivem na informalidade, mas, no dia 18 de novembro de 1999, a Câmara Municipal de Parintins aprovou a Lei nº020/99 que: “As feiras fixas e as feiras volantes, locais de comercialização a nível de varejo, destinam-se exclusivamente à venda de produtos agrícolas, principalmente de hortifrúteis granjeiros, carnes e peixes” (Art.2º, cap.I – PGPMP).

Com isso, as feiras são importantes locais para a comercialização dos alimentos em questão, pois contribuem com o andamento socioeconômico local e complementam os saberes que envolvem essa temática.

ABASTECIMENTO E COMERCIALIZAÇÃO DE HORTIFRUTIS: DIFICULTADORES

O abastecimento para a comercialização de alimentos está inserido na lógica da produção agrícola. Essa lógica de produção é uma possibilidade para atender às necessidades que abrangem as grandes e pequenas cidades do país. Visto que, com a intensa urbanização a produção de hortifrúteis se tornou em um comércio com caráter de produtividade intensa e muitas das vezes problemática. “Tal problema passou por dois momentos fundamentais: o da produção agrícola e o da capacidade destes alimentos chegarem às populações, assim como da qualidade dos alimentos que serão consumidos.” (Sampaio, 2014: 2).

Até a década de 1930, a população brasileira era considerada agrícola. Com isso, o morador do campo produzia seu próprio alimento. Mas, com a mudança da população para as áreas urbanas, o antigo ofício rural foi deixado de lado, em parte, e a economia voltada para os hortifrúteis passou a fazer parte do mercado em todo país. “A necessidade de abastecimento das grandes cidades permitiu, em grande parte, a consolidação de setores agrícolas voltados à produção de alimentos para o mercado interno” (SAMPAIO, 2014: 2)

Para o referido autor, enquanto a produção de alimentos não era especializada e cada produtor produzia para seu próprio mantimento, não havia necessidade de mecanismos de distribuição e abastecimento para essa necessidade social. E, os problemas ou os dificultadores eram ausentes, devido às forças produtivas do homem e seu contato direto com a natureza.

Ao final do século XX, as áreas urbanas foram ocupadas por uma densidade demográfica maior. E, com essa aglomeração, as famílias e a sociedade em geral tiveram novas solicitações de consumo. Então, a atividade agrícola comercializada foi aquecida para atender a demanda e necessidade urbana desse período histórico. “Uma das razões que também levam as atuais cidades médias a ter maior população, vem do fato das novas solicitações de consumo, tanto das famílias, e do governo quanto da própria atividade agrícola” (SANTOS, 2001:279).

Hoje, com a necessidade de abastecimento e comercialização de hortifrúteis, que são alimentos básicos de uma população podem-se apresentar alguns dos dificultadores que se apresentam nesta realidade. “O transporte é um gargalo local que impede o desenvolvimento das regiões agrícolas no Amazonas [...]” (PEREIRA E NASCIMENTO, 2012: 75).

Para os referidos autores, o transporte está dentro dos dificultadores para que se chegue à mesa do amazonense, hortifrúteis com preços acessíveis. Enquanto isso, os produtores locais não são incentivados pelas políticas públicas. Os ribeirinhos que trabalham na agricultura dependem dos rios para se locomover e escoar os produtos. Quando o rio apresenta particularidades dificultando este escoamento os preços também alteram.

Enfim, o abastecimento e comercialização de hortifrúteis, é uma economia que move o mercado de produção agrícola do país. Essa economia mostra que esses alimentos chegam aos distribuidores e às feiras de várias localidades, incluindo agricultura de subsistência e produções agrícolas de outros estados brasileiros. Portanto, essa economia que representa a

segurança alimentar, faz parte da modernização e mostra que as pesquisas referentes a esta temática são relevantes e comprometidas com a realidade em questão.

Delimitar o estudo a temática alimentar não tornou o desafio menor, pois ao associá-lo a segurança alimentar caminhou-se para o vasto campo de análise que envolve estudos múltiplos que abordam desde os campos da saúde até o econômico, social, político, cultural e ecológico. (SANTOS, 2012: 19)

Nesta distribuição, há uma preocupação tanto para quem consome quanto para quem vende (feirantes), pois muitas vezes os preços desses produtos sobem por que há dificuldades no abastecimento nos períodos da vazante e enchente do rio, que está ligado às estações do ano.

A falta de sincronização entre o regime fluvial e o regime pluvial (chuvas) faz com que existam quatro “estações climáticas” no ecossistema de várzea, que regulam o calendário agrícola: a enchente (subida das águas), a cheia (nível máximo das águas), a vazante (descida das águas) e a seca (nível mais baixo das águas). Nesse ambiente, constantemente submetido a fortes estresses, a biota e o homem amazônico desenvolveram os mais variados comportamentos adaptativos. (FRAXE *et al*, 2007: 15).

E este processo ocorre de ano a ano, em algumas regiões da Amazônia com mais intensidade causando enormes prejuízos. Isto é frequentemente proferido nos jornais escritos e falado nesta época, apresentando as situações catastróficas as quais se encontram os pequenos produtores rurais.

Principalmente, na época das chuvas (inverno), pois “as inundações periódicas dos rios, quando vão além de certos limites, as “enchentes grandes”, como são chamadas, representa um dos mais graves fatores de desequilíbrio social da região.” (CASTRO, 1980, p:69).

Portanto, o caráter de produtividade e sustentabilidade que envolve a comercialização de hortifrúti regional ou não, representa a segurança alimentar de uma localidade. E, por mais que os dificultadores: locomoção e escoação façam parte dessa realidade, essa comercialização e abastecimento alimentar sempre terá seu lugar na sociedade como uma economia que move as produções agrícolas do país como um todo.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Este trabalho é uma pesquisa quali-quantitativa que representa a combinação das duas modalidades citadas. Essa abordagem combinada “[...] permite que a vantagem de um amenize a desvantagem da outra. Por exemplo, a abordagem quantitativa é fraca em entender o contexto do fenômeno, enquanto que a qualitativa não é.” (MIGUEL, 2012: 58).

Para tanto, a pesquisa foi desenvolvida objetivando a produção de um trabalho dessa natureza, cuja temática é a Geografia da Alimentação: a comercialização de hortifrútiis na feira do Bagaço na cidade de Parintins/AM foi mais bem explorada a partir do método indutivo, proposto pelos empiristas, Bacon, Hobbes, Locke e Hume, que consiste na seguinte linha de raciocínio: O conhecimento é fundamentado na experiência, não levando em conta princípios preestabelecidos. No raciocínio indutivo a generalização deriva de observações de casos da realidade concreta. As constatações particulares levam à elaboração de generalizações, Gil (2008).

Ao ser delimitado o universo que se devia investigar, ou seja, a quantidade de sujeitos a serem pesquisados optou-se por: 4 feirantes, cada um representa um box (local de venda) do comércio de hortifrútiis local. Este entendimento foi baseado nos princípios defendidos por Andrade (2009), para quem o universo da pesquisa constitui-se de todos os elementos de uma classe, ou toda sua população a ela pertencente. É importante mencionar que no início da pesquisa começou-se trabalhar com 5 boxes e 22 hortifrútiis, mas esta proporção era muito ampla e de difícil organização, então optou-se por escolher 10 hortifrútiis comercializado em ambos os boxes.

Com esta nova sugestão verificou-se que um box não comercializava frutas, e este teve que ser retirado pois a proposta do artigo é trabalhar com os hortifrútiis que incluem (frutas, hortaliças e legumes).

Por meio da observação direta, sendo este um recurso e forma de instrumento de auxílio para a fundamentação e engrandecimento da pesquisa, pois: “técnicas são um conjunto de preceitos ou processos de que se serve uma ciência, são também, as habilidades para usar estes preceitos ou normas, na obtenção de seus propósitos.” (LAKATOS, 2001: 107).

Nesse norte, no intuito de se obter informações mais próximas da realidade sobre a comercialização dos alimentos hortifrútiis na feira do Bagaço, foi aplicado um questionário com 6 questões para verificar com os feirantes os preços, a procedência e o lucro dos mesmos referentes aos 10 hortifrútiis escolhidos, (sendo que 6 são hortaliças/legumes e 4 frutas), aos quais estes dados foram organizados em uma planilha para ser verificada (ou atualizada) durante 4 meses (julho, agosto, setembro e outubro), mas especificamente no fim de cada mês.

A partir desses meses foi possível realizar uma análise da oscilação dos preços nos períodos da Cheia (Julho/Agosto) e Seca do rio (Setembro/Outubro), ou seja, quais

dificuldades ou benefícios estes dois períodos inferem para que haja aumento ou diminuição no preço destes produtos. Sempre almejando se chegar ao objetivo proposto de compreender melhor sobre essa geografia da alimentação local.

Essa utilização de recursos que pudessem elucidar os questionamentos dessa temática, daquele contexto, compôs a explicação do percurso metodológico doravante descrito, as ações realizadas serão relatadas a seguir:

Entretanto, alguns dados os feirantes não sabiam ou não tinham certeza de como repassar, então se preferiu ir à busca desses dados na Secretaria Municipal de Produção e Abastecimento – SEMPA do município, que cedeu um relatório construído no ano de 2013, com dados relativos às comunidades que abastecem a zona urbana de Parintins. Não se pode inferir sobre o abastecimento deste ano pois segundo eles o relatório de 2014 só é construído no fim do ano ou início do ano que vem.

É importante mencionar que algumas dificuldades foram encontradas no decorrer da pesquisa, principalmente ao abordar os feirantes para entrevistar e responder as perguntas do questionário. Pois, os feirantes são pessoas muito comprometidas e de muito “serviço”, e, isso é bastante compreensível porque eles começam neste trabalho às 6h e alguns vão até as 19h dia-a-dia. Por isso, que optou-se por conversar com os mesmos no final de semana e em alguns dias combinados. Esta entrevista foi realizada de forma informal com os participantes da pesquisa que forneceram suas concepções e perspectivas como componentes dos resultados e discussão.

A PROCEDÊNCIA DOS HORTIFRUTIS X OSCILAÇÃO DE PREÇOS NA FEIRA DO BAGAÇO

A realidade pesquisada foi o suporte que promoveu respostas para as indagações que originou esse trabalho. Contribuiu para ampliação de conhecimentos nesta área interdisciplinar, além disso, mostrou que a Geografia da alimentação tem um caráter sócio, econômico e cultural, e, de forma ativa fez parte da compreensão fundante que reflete esse processo tradicional e local.

Procedência dos Hortifrútiis

O comércio é um canal de transição e comercialização de produtos que atendem as solicitações de consumo. Como todo comércio precisa ser reabastecido conforme a demanda

consumista, com a produção agrícola também é assim, principalmente com alguns de seus produtos como as hortaliças que necessitam serem renovadas dia-a-dia. Entretanto, a procedência dos hortifrúteis, isto é, o abastecimento desses alimentos provém de outras regiões que podem ser outros estados, municípios vizinhos ou mesmo de comunidades rurais próximas. Essa distribuição descrita pode ser refletida na Figura 1 abaixo:

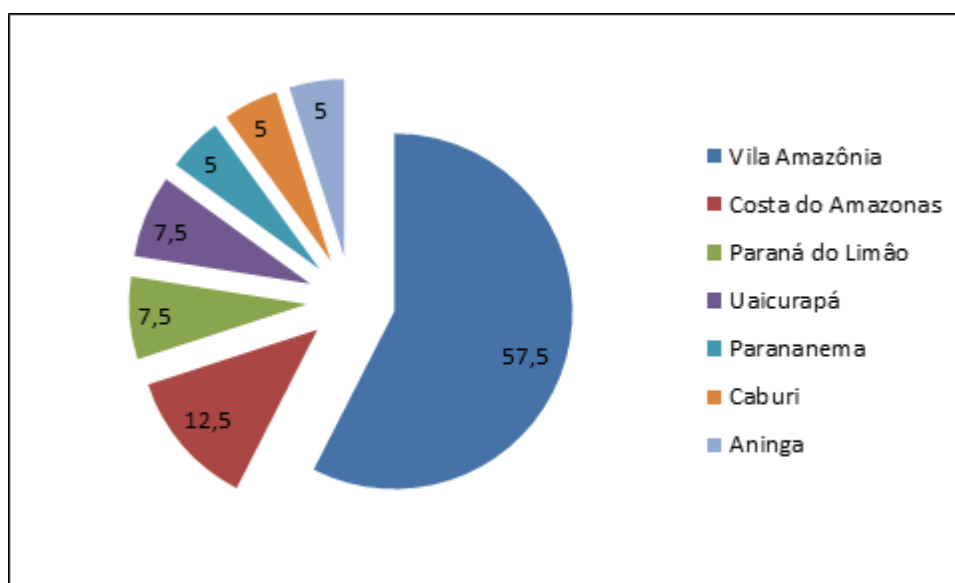


Figura 1 – Comunidades rurais de Parintins que abastecem as Feiras no município

Fonte: SEMPA, 2014

Na Figura 1 acima é apresentado as principais comunidades rurais da cidade de Parintins que participam do abastecimento das feiras no município. E, apresenta também duas comunidades que mais abastecem a feira pesquisada e estão localizadas bem próximas deste município como: a Vila Amazônia e o Paraná do Limão localizada há poucos quilômetros de distância. Estes hortifrúteis chegam, portanto às feiras por meio dos “atravessadores” como são chamados às pessoas que transportam estes produtos até a cidade, eles também são chamados de “[...] marreteiros e tem um papel de muita importância nessa relação comercial. Marreteiro é uma categoria que é comum em feiras e é identificada também como atravessador.” (SILVA, 2006: 46).

Entretanto, é importante salientar que “[...] a maioria dos feirantes comercializa produtos oriundos do seu próprio trabalho, criando uma interação direta entre produtor e comprador, uma relação valorizada pelos consumidores.” (COUTINHO *et al*, 2006: 3). Como no caso de alguns feirantes, esse processo é da seguinte forma: o feirante/produtor em alguns casos tem um terreno em alguma dessas comunidades destinada à produção de seus hortifrúteis

e também mantém um box (local de venda na cidade dos hortifrúteis) na feira na zona urbana para efetuar a comercialização de seus produtos. Neste processo pode haver a possibilidade de uma renda maior, pois a margem de lucro aumenta durante essa comercialização.

Contudo, há também aqueles feirantes que apenas vendem, não produzem, ou seja, dependem diretamente do distribuidor. Pois o processo de importação de hortifrúteis oriundos de outras regiões não é simples, e esse feirante fica na dependência da agricultura sistematizada.

[...] nem todos feirantes são produtores rurais, existem muitos intermediários comercializando na feira, mas que podem desempenhar importante papel no abastecimento de gêneros alimentícios, uma vez que trazem produtos oriundos de outras localidades e que não são produzidos na região. (COUTINHO *et al*, 2006, p. 3).

Os intermediários apesar de não participarem da comercialização de seus produtos ou de outrem, eles são importantíssimos dentro deste processo, pois permitem e favorecem o escoamento dos bens ou de produtos rurais na cidade. Além disso, “[...] (podem) contribuir com o mercado local ao oferecer um volume mais alto e uma oferta diversificada, colocando também no mercado produtos de agricultores que estão impedidos ou não estão dispostos a desempenhar tarefas de comercialização [...]” (PIERRI *et al*, 2014: 9).

Este é o caso dos feirantes presentes nesta pesquisa, nenhum desses é produtor apenas recebem os hortifrúteis das mãos dos “atravessadores”, segundo eles “os dias de recebimento destes produtos é as quartas-feiras e sábados” (pesquisa de campo, 2014) e comercializam na feira do bagaço em Parintins.

Essa situação é comum nas feiras, pois “são poucos os produtores da comunidade que hoje vão atuar na feira, praticamente todos entregam seus produtos sob a responsabilidade dos marreteiros.” (MORAES, 2011, p.10).

Por isso, que o lucro da venda desses produtos para os feirantes não passa de 20% a 50% (pesquisa de campo, 2014). Porque “[...] a origem de suas mercadorias, (vem) vindos de dezenas de lugares e fontes, os produtos vendidos (nas) [...] feira originam-se em locais espalhados em diversas localidades [...]” (MORAES, 2011, p.9).

Um exemplo de localidade são os outros estados de onde é importado grande parte desses produtos, conforme apresenta a Figura 2 abaixo:

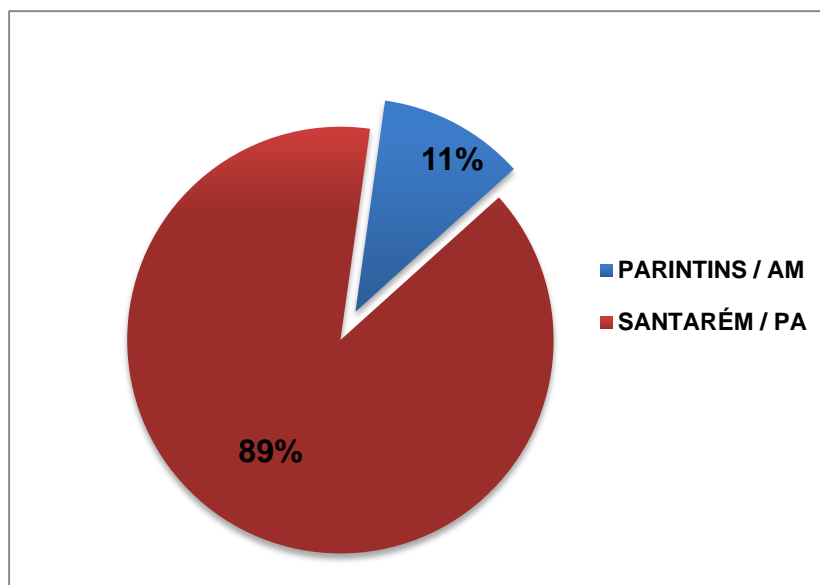


Figura 2: Estados que participam do abastecimento da feira do Bagaço.

Fonte: Pesquisa de Camno. 2014

Como podemos conferir na Figura 2, grande parte dos hortifrúteis que abastece a feira do Bagaço em Parintins vem de Santarém estado do Pará. Com isso, compreendeu-se esta área de estudo: Geografia da alimentação nesse contexto, o caráter dessa área de conhecimento (sócio, econômico e cultural), como também os processos dessa interdisciplinaridade parcial e relevante.

Quanto a isso, entende-se que esta situação pode está ligada “[...] no Estado do Amazonas, possuem grandes dificuldades quanto ao processo de circulação dos produtos agrícolas, principalmente devido às grandes distâncias encontradas na região, sendo o principal meio de locomoção o transporte hidroviário.” (FRAXE *et al*, 2007: 212).

Isso também pode está ligado ao pouco investimento na agricultura neste Estado ou mesmo nas feiras, até porque “as feiras livres são canais de comercialização de produtos da Agricultura Familiar que raramente recebem apoio de políticas públicas específicas ou são objetos de programas de desenvolvimento rural.” (PIERRI, 2014: 3).

Mas, isto pode está ligado ao “[...] excesso de chuvas lavando permanentemente este solo, aliado a outros fatores de intemperismo regional, o empobrece de maneira alarmante, e a agricultura sem a adubação das enchentes esgota as suas reservas numa rapidez [...]” (CASTRO, 1980: 70). Portanto, são muitos os fatores que influenciam e que permitem que outros estados participem do abastecimento das feiras na cidade de Parintins.

Os Períodos de oscilações dos Preços

A Figura a seguir, apresenta os meses que ocorrem os fenômenos da enchente, cheia, vazante e seca do rio Amazonas. Com o objetivo de esclarecer sobre quais fatores influenciam mais no aumento ou diminuição dos preços, sendo os meses pesquisados foram: a seca (Julho/Agosto) e a enchente (Setembro/Octubro). Conforme apresenta a Figura 3 abaixo, extraída de uma pesquisa realizada por Fraxe, Pereira e Witkoski, 2007.

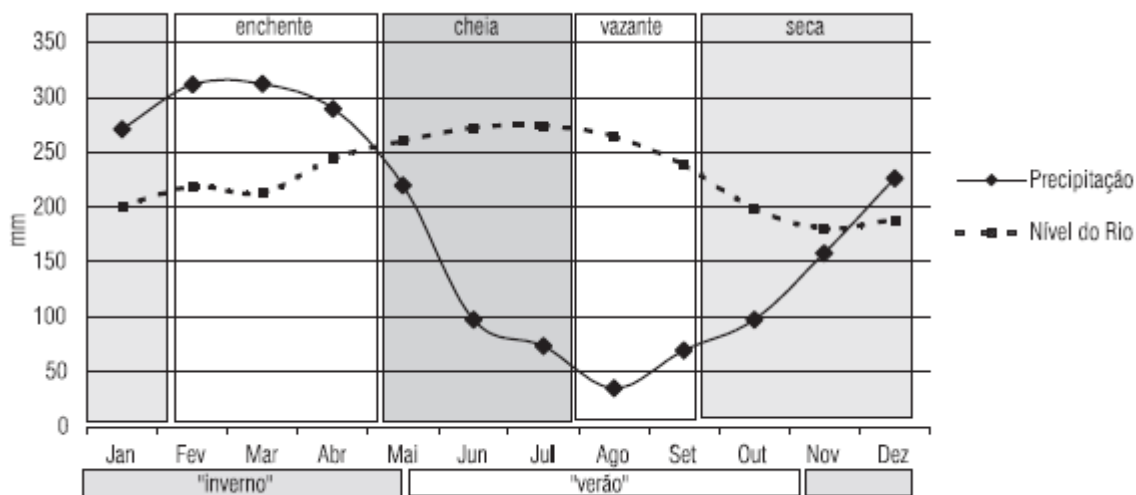


Figura 3 – Estações Climáticas e Fluviais em áreas de varzea na Amazônia Central

Fonte: Projeto Piatam, UFAM, 2007

Com a observação dos períodos de cheia dos rios (Julho e Agosto) e seca (Setembro e Outubro), verifica-se que ambos os períodos apresentam determinadas peculiaridades que interferem diretamente no preço dos hortifrúteis, neste caso mais no aumento do que na diminuição dos preços.

Pois, a cheia se configura nas “inundações periódicas dos rios, quando vão além de certos limites, as “enchentes grandes”, como são chamadas representa um dos mais graves fatores de desequilíbrio social da região.” (CASTRO, 1980, p.69). Este fenômeno em alguns períodos marcou bastante a região Amazônica. Entretanto, neste período o escoamento da produção é mais rápido devido à cheia do rio, mas há também a redução das áreas de plantios, pois:

[...] parte das áreas cultiváveis está submersa, causando uma redução drástica nas atividades da fase terrestre. Durante esta estação, pode haver o registro de temperaturas mínimas anormais devido à invasão de massas polares frias na região, fenômeno conhecido localmente por “friagem”. (FRAXE *et al*, 2007, p.16).

No período da Seca “[...] se caracteriza por um menor nível das águas, mínimas mensais de precipitação, máximas de insolação e de evapotranspiração. Conhecido localmente por “verão” [...] pelo aumento da oferta de áreas cultiváveis [...]” (Idem). É a partir desse

período que a terra é preparada pelos agricultores para plantar suas safras de hortifrúteis. Contudo, o escoamento dos hortifrúteis para as feiras é dificultado pelo distanciamento dos locais de abastecimentos.

Já foi mencionado que a produção agrícola oriunda das comunidades vizinhas beneficia o comércio desses alimentos na área urbana. Mas, essa produção está suscetível aos fenômenos da enchente e vazante dos rios, além da erosão e fertilidade dos solos que influenciam essa produção. Na terra firme existe a possibilidade de produção o ano inteiro, contudo, precisa ser corrigida devido à suscetibilidade à erosão. Na várzea, há muita fertilidade, porém, não pode ser utilizado o ano inteiro dado a sazonalidade dos rios, durante essas épocas do ano. (SANTOS, 2012).

A seguir na Figura 4, pode-se verificar quais os hortifrúteis cujos preços oscilaram conforme estes períodos mencionados acima:

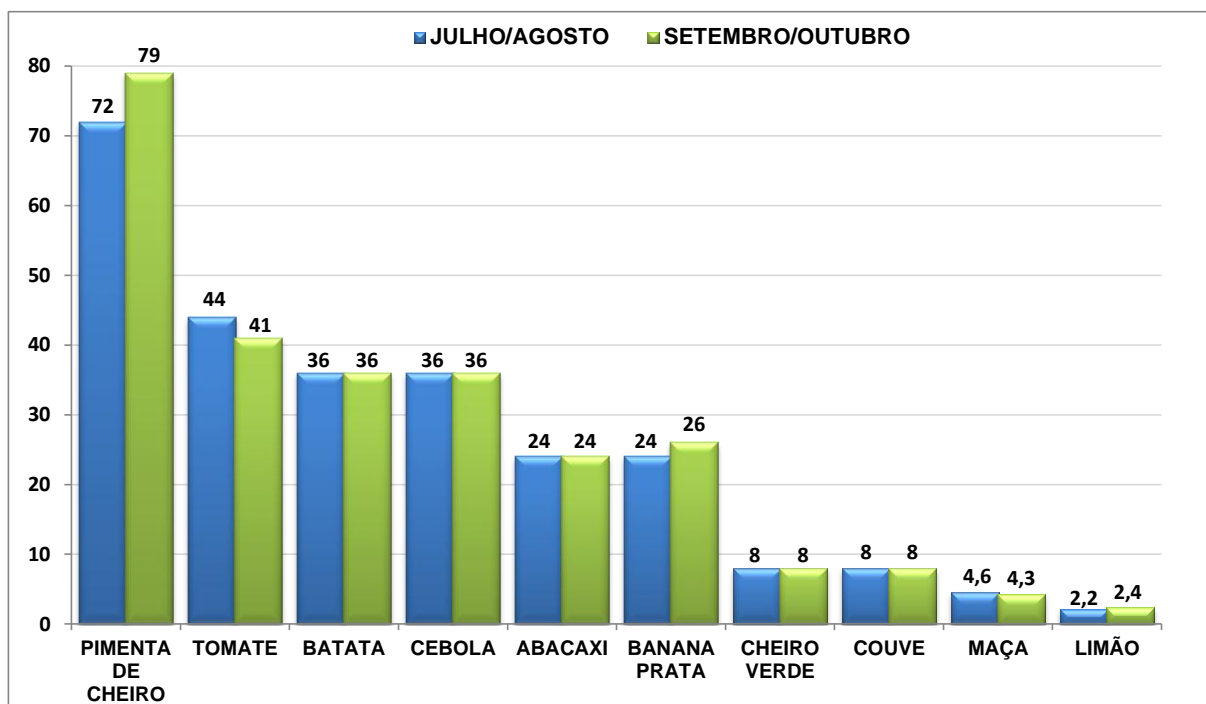


Figura 4: Preços dos principais hortifrúteis vendidos na feira do Bagaço

Fonte: Pesquisa de Campo, 2014

A Figura 4 apresenta 10 hortifrúteis comercializados na feira do Bagaço oriundos, grande parte, de Santarém, conforme a Figura 2. E percebeu-se que os produtos cujos preços aumentaram no período da cheia foram: o Tomate e a Maça, enquanto que os demais se mantiveram instáveis, segundo os próprios feirantes este aumento se deu “por causa da chuva, alguns produtos se perdem com mais facilidade.” (pesquisa de campo, 2014).

O aumento no preço ocorre também pelo fato de o município está em festa no mês de junho, “na época do festival, principalmente, o atravessador aumenta e nós aumentamos também aqui na feira para tirar nosso lucro.” (pesquisa de campo, 2014). Com isso, os preços se mantêm até o período de Julho (cheia). Ou seja, “[...] o controle de comercialização por um pequeno número de intermediários permite que estes imponham preços desfavoráveis aos agricultores.” (PIERRI *et al*, 2014: 9).

Quanto ao período da Seca, verifica-se também aumento em dois produtos: a Pimenta de Cheiro que aumentou consideravelmente e a Banana Prata, os demais produtos não oscilaram. Este aumento foi ocasionado “devido à escassez de produção neste período, os produtos costumam “falhar” quanto à comercialização.” (pesquisa de campo, 2014).

Há, portanto escassez desses produtos neste período da Seca devido ao fato de:

Em anos com prolongamento ou acentuação da estação seca a vegetação pode sofrer com o stress hídrico devido à intensa evapotranspiração do solo. Isso pode provocar um atraso no plantio ou retardar o desenvolvimento das culturas agrícolas. Hortaliças são particularmente sensíveis à redução da umidade do solo, sendo comum a prática da irrigação durante este período. (FRAXE *et al*, 2007, p.16).

Ou seja, por mais que o período da Seca seja o “ideal” para os agricultores prepararem o solo para o plantio, porém, quando esta se intensifica as atividades agrícolas são prejudicadas devido estes fatores naturais que fogem ao domínio humano.

Foram mostrados os períodos de oscilação dos preços dos produtos hortifrúti, como um elemento relacionado aos fenômenos naturais que ocorrem na região amazônica anualmente. Mostrou-se também que além desse fenômeno natural, existe o aspecto cultural que também interferiu e influenciou tal oscilação. Contudo, a Geografia da alimentação, nesse contexto trouxe a compreensão necessária e idealizada para essa busca encontrada.

CONCLUSÃO

A relevância de se estudar um tema como este, permitiu considerar que a Geografia da alimentação em questão, que beneficia parte da cidade de Parintins, é um fator em potencial na geração de sobrevivência das pessoas que comercializam esses alimentos e hortifrúti. Nesse contexto, deve-se compreender essa realidade para então contribuir com a sua reconstrução. Essa área da pesquisa esteve centralizada na Feira do Bagaço, por compreender que este lugar é o mais antigo e tradicional, além de comercializador de alimentos e hortifrúti desta cidade.

O vislumbre obtido durante a pesquisa, de caráter exploratório, possibilitou o aprofundamento nas questões inicialmente avaliadas. Além disso, esse universo da feira com seus aspectos econômicos, sociais e culturais ofereceu um conteúdo de grande riqueza, longe de se esgotar.

A feira em questão é uma importante instituição que resguarda uma tradição, mesmo indiferente ao processo de modernização. Esse processo de resistência permite que esse setor se mantenha, pois, é um espaço que é palco de lutas pela sobrevivência apenas, apesar de que essa relevante atividade, em outros setores econômicos, promova o desenvolvimento econômico e social.

De modo geral pode-se afirmar que:

1. A Geografia da alimentação nesse contexto é dinâmica e relativa às solicitações do consumo;
2. O abastecimento oriundo de diversas localidades complementa a economia local e promovem a melhoria neste ramo comercial;
3. Os períodos de oscilação de preços constituem-se em períodos de adequação financeira pela redução das atividades, mas, que apresentam possibilidades de sobrevivência;
4. O caráter dessa área de conhecimento mostrou a natureza das variáveis (procedência dos hortifrutis, oscilação dos preços, fenômenos naturais e outros), importantes para se compreender esse processo contextual;

Em posse dessas afirmações científicas e reais pode-se repensar a Geografia da alimentação nesse contexto como algo social, econômico, cultural e inacabado, passível de ser mudado.

Neste sentido, ao tratar de um tema interdisciplinar como este, foi necessário tomar o caminho que enveredou a proposta de geografia da alimentação, apresentada neste trabalho, como possibilidade de compreensão dessa realidade assegurando a participação social requerida e decorrente deste campo de estudo.

Portanto, diante do modelo econômico em que está inserida a geografia da alimentação compreendeu-se o circuito espacial do alimento é amplo e dinâmico.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, Maria de Margarida de. **Introdução a Metodologia do trabalho Científico: elaboração de trabalhos de graduação.** 9ª Ed. São Paulo: Atlas, 2009.

AULETE, Caldas. **Dicionário contemporâneo da Língua Portuguesa**. 3. Ed. Rio de Janeiro: Delta, 1980.

CASTRO, Josué. **Geografia da Fome: o dilema brasileiro - pão ou aço**. Rio de Janeiro: Antares, 1984.

COSTA, Ellen A. C. da; SCHOR, Tatiana. **Redes urbanas, abastecimento e o café da manhã de idosos na cidade de Tefé, Amazonas**: elementos para a análise de geografia da alimentação no Brasil. In: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, p. 52-73, 2013.

COUTINHO, Edilma P. *et al.* **Feiras livres do Brejo Paraibano: Crise e perspectivas**. In: XLIV Congresso da sober: questões agrárias, educação no campo e desenvolvimento, 23 a 27 de Julho, 2006, Baneiras – PB, 2006.

_____. **Condições de higiene das feiras livres dos municípios de Bananeiras, Solânea e Guarabira**. Disponível em: <http://www.prac.ufpb.br/anais//xenex_xienid/x_enex/ANAIS/Area6/6CFTDTRPEX01.pdf> Acesso: 16 maio de 2014.

FARIA, Ana C.; CUNHA, Ivan; FELIPE, Yvone X. **Manual prático para Elaboração de Monografias (Trabalhos de Conclusão de Curso, Dissertações e Teses)**. 4. Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2010.

FONSECA, Jairo S. da; MARTINS, Gilberto de A. **Curso de Estatística**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

FRAXE, *et al.* **Comunidades Ribeirinhas Amazônicas: modos de vida e uso dos recursos naturais**. Ed. Manaus: EDUA, 2007.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6ª edição. São Paulo: Atlas, 2008.

LAKATOS, Eva Maria. **Metodologias do trabalho científico: procedimentos básicos, pesquisa bibliográfica, projeto e relatório, publicações e trabalhos científicos**. 6ª Ed. São Paulo: Atlas, 2001.

MIGUEL, Paulo A. C. (org.). **Metodologia de pesquisa em engenharia de produção e gestão de operações**. 2. ed. Rio de Janeiro: ABEPRO, 2012.

MORAES, Abraão J. C. de. **Quilombolas e Feirantes: Política e relações sócio-econômicas entre produtores rurais e comerciantes urbanos na feira do ver-o-peso – Belém – Pará**. In: XI Congresso Luso Afro Brasileiro de Ciências Sociais: Diversidade e (Des)Igualdades, 7 a 10 de Agosto, 2011, Salvador. Universidade Federal da Bahia (UFBA) – PAF I e II Campus de Ondina, 2011.

NEPALS, Núcleo Interdisciplinar de Extensão e Pesquisa sobre Alimentação e Sociedade. **Os alimentos em sua Geografia**. Disponível em <nucleonepals.blogspot.com.br/2010/03/os-alimentos-em-sua-geografia.htm!> Acesso em: 20 de Novembro de 2014.

PARINTINS, **Lei Nº 020/99**, de 10 de dezembro de 1999. Dispõe sobre o funcionamento dos mercados, feiras fixas e volantes e dá outras providências.

PEREIRA, M. S., NASCIMENTO, L.R.C. **O Escoamento da Produção Agrícola**. Manaus. Valer, 2012.

PIERRI, Maria C. *et al.* **A feira livre como canal de comercialização de produtos da agricultura familiar**. Disponível em <<http://www.unilab.edu.br/wp-content/uploads/2013/07/LIVRO-UNILAB-5-ANOS-2.pdf>> Acesso em: 20 de Novembro de 2014.

PONTE, Vera M. R., et al. **Análise das Metodologias e Técnicas de Pesquisas Adotadas nos Estudos Brasileiros sobre Balanced Scorecard**: um estudo dos artigos publicado no período de 1999 a 2006. São Paulo: Atlas, 2008.

RIBEIRO, E. M. et al. **Programa de apoio às feiras e à agricultura familiar no Jequitinhonha mineiro**. *Agriculturas*, v.2, n.2, junho, 2005.

SAMPAIO, Fernando. **A geografia da produção de alimentos**. Disponível em: <http://grabois.org.br/portal/noticia.php?id_sessao=8&id_noticia=648> Acesso: 16 maio de 2014.

SANTOS, Alem S. M. **Segurança Alimentar no Ritmo das Águas**: mudanças na produção e consumo de alimentos e seus impactos ecológicos em Parintins, AM. Brasília, DF: UNB, 2012. Originalmente apresentada como dissertação de mestrado, Universidade de Brasília, 2012.

SANTOS, Milton. **O Brasil**: território e sociedade no início do século XXI. 2ªed. Rio de Janeiro: Record, 2001.

SILVA Jr, Ivan de M.; PROST, Catherine. Olhar Geográfico da gestão de resíduos sólidos urbanos: um estudo comparativo das representações socioespaciais das feiras livres dos bairros George Américo e Cidade Nova em Feira de Santana-BA. In: **Revista Eletrônica de Gestão e Tecnologias Ambientais (GESTA)**, v. 1, n. 2 – ISSN: 2317-563X, 2013.

SILVA, Marcos A.P. **A cidade vista através do porto**: múltiplas identidades urbanas e imagens da cidade na orla fluvial de Belém (PA). Dissertação de Mestrado, Belém, PPGCS/UFPA, 2006.